
Subjetivação e emancipação: uma análise dos depoimentos midiáticos de Rebeca Andrade¹

Olívia PILAR²

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

Este resumo analisa criticamente falas da ginasta Rebeca Andrade em dois depoimentos a veículos midiáticos. O objetivo é compreender se a atleta identifica, tensiona e resiste às opressões interseccionais, especialmente de raça, gênero e classe, que incidem sobre pessoas negras, sobretudo atletas negras brasileiras. Como metodologia, utilizamos uma adaptação do projeto de fala (Charaudeau, 1996), inspirado no trabalho de Cal (2013), para analisar os depoimentos da atleta para a revista *Vogue* e o jornal *O Globo*. Concluímos que a atleta consegue dar a ver essas opressões interseccionais e trazer formas de resistência a elas posicionando-se como um sujeito político emancipado.

PALAVRAS-CHAVE: Emancipação política; interseccionalidade; projeto de fala; Rebeca Andrade; subjetivação.

Introdução

Este resumo apresenta um recorte de tese de doutoramento que tem como objetivo geral compreender o que é ser uma mulher negra no esporte, a partir do conceito de imagens de controle e resistência a essas. Para fins de adequação ao tamanho proposto, neste trabalho responderemos apenas *como, e se, a ginasta Rebeca Andrade resiste às opressões interseccionais por meio de suas falas, através de um processo de subjetivação e emancipação política*, um de nossos objetivos específicos.

Intelectuais negras (Collins, 2019; Crenshaw, 1989; Gonzalez, 2020), brasileiras e internacionais, vêm pontuando desde a década de 1980, sobre a necessidade de se encarar processos sociais a partir de uma ótica interseccional, ou seja, a partir de uma perspectiva que considere os diversos marcadores (ou opressões cruzadas) que incidem sobre os sujeitos. O conceito de interseccionalidade (Crenshaw, 1989, 2016), criado a partir das vivências de mulheres negras, mas que pode ser utilizado para demais grupos,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestra e doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Integrante do Coletivo Marta (Grupo de Pesquisa em Comunicação e Culturas Esportivas). E-mail: oliviapilar.pesquisa@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

surge dessa necessidade de uma “lente” para analisar cenários sociais e opressivos diversos.

Embora, via de regra, os esportes evoquem uma marcação binária com base apenas no gênero, esse conceito apresenta uma perspectiva teórica e/ou metodológica que nos permite encarar sujeitos, como atletas negras brasileiras, para além de apenas um marcador social. Assim, em nossa pesquisa concebemos que Rebeca Andrade não é apenas uma mulher, mas uma mulher, negra e nascida na periferia brasileira. Acreditamos que esse entrecruzamento de marcadores atinge não somente sua vivência, mas a forma como ela é vista pelo restante da sociedade – as representações (Hall, 2016; Collins, 2019) acerca da atleta que circulam na mídia e em outros espaços não partem, portanto, somente do gênero, mas de toda a sobreposição desses marcadores.

A intelectual Lélia Gonzalez (2020) demarca em seus estudos como mulheres negras brasileiras sofrem com uma tripla opressão na maior parte dos cenários: gênero, raça e classe. Para ela, as representações negativas acerca de mulheres negras, que determinam como elas são vistas e criam uma idealização de comportamento, são constituídas a partir dos grupos dominantes, representados pelo homem branco. Ou seja, ser uma mulher negra é o completo oposto do ser “desejado”, “superior” e “idealizado”, pois ela não é um homem, nem tampouco branca.

Nesse sentido, este resumo busca apreender como a ginasta brasileira Rebeca Andrade dá a ver essas opressões interseccionais através de suas falas, bem como se ela consegue demonstrar subjetivação e emancipação política em seus depoimentos para a revista *Vogue*³ e o jornal *O Globo*⁴. Como metodologia, utilizaremos os quatro eixos do projeto de fala de Charaudeau (1996), elencados por Cal (2013): o factitivo, o informativo, o persuasivo e o sedutor.

Falas de subjetivação e emancipação política de Rebeca Andrade

³ BARDUSCO, G. Rebeca Andrade e seu papel de referência: "Vou usar minha voz para falar por essas pessoas constantemente silenciadas". *Vogue*, 25 ago. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/atualidades/noticia/2021/08/rebeca-andrade-e-seu-papel-de-referencia-vou-usar-minha-voz-para-falar-por-essas-pessoas-constantemente-silenciadas.html>. Acesso em: 24 jun. 2024.

⁴ KNOPLUCH, C. Rebeca Andrade, em depoimento a Carol Knoploch. *O Globo*, 06 ago. 2021. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/toquio-2020/em-depoimento-ao-globo-rebeca-andrade-revela-bastidore-s-das-medalhas-da-relacao-com-biles-das-dificuldades-sou-uma-fenix-1-25144558>. Acesso em: 24 jun. 2024.

Cal (2013) destaca que o processo de subjetivação e emancipação do sujeito ocorre quando, a partir de suas vivências e experiências, consegue dar a ver a sua constituição como um ser político. Em uma perspectiva próxima, Collins (2016), define a subjetivação e emancipação de mulheres negras quando estas conseguem externalizar como se entendem no mundo, para além das representações que lhe são impostas. Ou seja, o processo de subjetivação e emancipação diz da capacidade do sujeito de burlar os problemas que recaem sobre si de diversas formas, e, neste momento, fazer “circular o sentido, que comunica o movimento de sua subjetivação” (Cal, 2013, p.25), sua identidade autodefinida, a partir de suas falas.

Assim, elencamos as opressões interseccionais – raça, gênero e classe – como aquilo que buscamos que Rebeca Andrade apresente em suas falas, em uma perspectiva também de entendimento desses marcadores como vivências, mas também como opressões que marcam sua trajetória. Dessa forma, através dos objetivos do projeto de fala, queremos compreender: 1) se ela dá a ver o (re)conhecimento dessas opressões, 2) se ela resiste a essas opressões⁵.

Como metodologia, utilizaremos os quatro objetivos do projeto de fala de Charaudeau (1996) – factitivo, informativo, persuasivo e sedutor – para compreender se a atleta Rebeca Andrade consegue ser um sujeito emancipado. Para Cal (2013), “o factitivo diz respeito a uma finalidade de manipulação do outro com vistas a fazê-lo agir de forma favorável ao sujeito falante” (p.28), o informativo busca informar o outro, o persuasivo consiste em fazer com que o outro acredite no seu discurso, por fim, o sedutor busca agradar o outro. Pode-se resumir os objetivos como: o factitivo em fazer fazer ou em fazer dizer, o informativo em fazer saber, o persuasivo em fazer crer, e o sedutor em fazer agradar (Cal, 2013, p.28). A seguir, apresentamos nossa análise dos depoimentos de Rebeca Andrade veiculados na mídia.

Fazer fazer ou em fazer dizer (factitivo)

“Eu nasci para ser ginasta. Ignorei as pessoas que falaram que eu não chegaria a lugar nenhum, que meus irmãos seriam perdidos na vida e que minha mãe só teria desgosto. É totalmente o contrário. Minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, criou pessoas incríveis, educadas, felizes e

⁵ Aqui não fazemos uma reflexão se as opressões existem, mas afirmamos que elas existem, reconhecidas ou não pela atleta, com base em nossos estudos anteriores e nos que estão em desenvolvimento, que revelam as opressões sofridas por mulheres negras.

honestas. É a minha maior referência”. Rebeca Andrade em depoimento para o jornal O Globo em 06 ago. 2021.

Nessa primeira fala, Rebeca dá a ver um problema social comum no Brasil: a ideia de que pessoas nascidas e criadas na periferia não tem um destino promissor. Consideramos que ela deixa implícito a questão de classe, mas, por sua condição de mulher negra, também de gênero e raça. Nesse sentido, com sua fala, ela parece contextualizar um pouco sua trajetória vencedora na ginástica artística, bem como mostrar as superações vivenciadas. O “fazer fazer” está “relacionada à finalidade de fazer o outro agir num sentido favorável a quem fala” (Cal, 2013), e, ao trazer esse contexto, consideramos que Rebeca conduz o outro a ser favorável a sua trajetória/compreensão das opressões, especialmente de classe.

Fazer saber (informativo)

“Está sendo muito importante porque acho que eu não represento só as gerações da ginástica, mas também as minorias que não se veem muito na televisão, nos esportes, em outros lugares. Acho que a representatividade que eu estou tendo hoje engloba muitos aspectos. Eu saio na rua, as pessoas já sabem quem eu sou, pedem foto, dão parabéns, e eu acho isso muito legal. O fato de outras crianças também terem procurado fazer ginástica, terem se enxergado em mim é muito importante, porque eu também já passei por isso, eu me identifiquei muito com a Dai[ane dos Santos] quando eu era criança, ela é minha ídolo até hoje, sabe? Então, é muito legal que hoje eu assumo esse papel, que as pessoas me enxergam dessa forma, elas já me viam antes, mas hoje é muito mais”. Rebeca Andrade em entrevista à revista Vogue, em 25 ago. 2021.

Consideramos que nessa fala Rebeca Andrade dá a ver a ausência de mulheres negras na ginástica artística brasileira ou, pelo menos, a ausência dessas atletas em espaços de alcance e visibilidade midiática. Nesse sentido, ao falar sobre a questão da ausência racial e de gênero, Rebeca também está informando ao outro sobre esse problema: faltam atletas negras em espaços esportivos e que, conseqüentemente, tenham visibilidade e incentivo. Além disso, ao citar Daiane dos Santos como sua ídolo, ela também destaca e valoriza a questão da presença e em como isso pode influenciar positivamente outras garotas negras.

Fazer crer (persuasivo)

“Eu ainda não consegui parar para me dedicar a projetos novos, mas sempre que eu puder com entrevistas, ou aparições, eu vou usar minha voz para falar

por essas pessoas constantemente silenciadas. Tudo que eu puder fazer para que continuem acreditando que é possível realizar sonhos eu vou fazer. Porque eu me inspirei muito na Beyoncé, na Iza, nas meninas que treinam todos os dias aqui comigo, e eu acho que é muito importante mesmo você ter alguém para se inspirar, alguém que vai te mostrar que é possível. Quem não tá aqui dentro diariamente acha que é muito fácil ganhar uma medalha, quando eu estou em viagem acham que eu estou passeando, mas não é, estou indo para trabalhar. Então, mostrar esse lado real, de que nada vem fácil, é muito importante. A pessoa já vai se preparando para o que ela vai enfrentar, porém de uma maneira muito mais madura. Eu quero muito que as próximas gerações tenham muito sucesso, muito mais do que eu até, apesar de tudo isso ser apenas o começo para mim”. Rebeca Andrade em entrevista à revista Vogue, em 25 ago. 2021.

Nesse trecho da entrevista, Rebeca Andrade faz crer que existem pessoas que são silenciadas e que, ela como personalidade pública de alcance mundial, tem a capacidade de não só dar voz para os problemas que alcançam essas pessoas, mas como também tem a capacidade de criar novas oportunidades de mudança. Ela também deixa explícito a necessidade de que garotas negras tenham referências públicas – em sua fala, cita Beyoncé e Iza – para que consigam enxergar novas possibilidades de futuro.

Fazer agradar (sedutor)

“Não deem ouvidos às críticas que vão surgir. O que for construtivo você absorve, o que não for joga fora. Muita gente vai dizer que você não vai conseguir chegar, que vai ser difícil, mas você precisa ter fé em você e saber que vai dar certo. Sempre ser grata às pessoas que te ajudaram a chegar no topo, e que desde do início estavam ao seu lado, pois ninguém vai a lugar algum sozinho. E ser muito grata a vida, fazer tudo sempre com muita alegria e felicidade, porque tudo que a gente faz com amor, a gente faz bem”. Rebeca Andrade em entrevista à revista Vogue, em 25 ago. 2021.

Em sua fala, Rebeca Andrade busca trazer o ouvinte/leitor para compartilhar de seu objetivo de vida: acreditar em si mesmo. Nesse sentido, compreendemos que, ao demonstrar que existem formas de sucesso, ela agrada esse sujeito receptor de sua mensagem. Além disso, também destacamos sua capacidade de não ter um discurso meritocrático – Rebeca tem consciência de seu talento, mas não atrela seu sucesso e vitórias apenas a isso, também valoriza as pessoas que atuam ao seu redor com o mesmo propósito.

Considerações finais

Este resumo buscou compreender se a ginasta brasileira Rebeca Andrade *resiste às opressões interseccionais por meio de suas falas, através de um processo de*

subjetivação e emancipação política, bem como se ela tem consciência dessas opressões – de raça, gênero e classe – que recaem sobre sua vivência. Apreendemos que em determinados posicionamentos Rebeca consegue demonstrar conhecimento dessas opressões, especialmente quando fala sobre a trajetória da família ou de superação das adversidades para além das lesões do esporte. Além disso, ela também traz, em suas falas, formas de resistir a essas opressões. Como solução para alguns problemas, é possível ver que ela valoriza a questão da presença de mulheres negras em diversos espaços, especialmente no esporte, e como isso pode influenciar positivamente para que outras mulheres negras sigam na carreira.

Por ser um recorte de uma pesquisa maior, pretendemos analisar outros depoimentos da atleta para ir além desses quatro eixos – factitivo, informativo, persuasivo e sedutor –, mas ainda em uma perspectiva interseccional que é o que nos interessa, tanto para indagar como essas opressões recaem sobre a atleta, como para compreender as resistências possíveis a essas.

Referências

CAL, D.G.R. Comunicação e Subjetivação Política: o caso do trabalho infantil doméstico. **revista Fronteiras – estudos midiáticos**, Unisinos, São Leopoldo (RS), v. 15, n. 1, p. 24-33, 2013.

CHARAUDEAU, P. Para uma nova análise do discurso. In: A. CARNEIRO (org.). **O discurso da mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996. p. 5-41.

COLLINS, P. H. Aprendendo com o outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n° 1, Florianópolis, jan/abril, 2016.

COLLINS, P. H. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, K.. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **The University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, p. 139-167, 1989.

CRENSHAW, K.. **A urgência da “interseccionalidade”**. 2016. 1 vídeo (18 min. e 42 seg.). Vídeo da palestra no evento Technology, Entertainment and Design (TEDWomen 2016). Disponível em: <http://bit.ly/2FX0Ecs>. Acesso em: 29 de mai. 2018.

GONZALEZ, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Organização: Flavia Rios e Márcia Lima. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HALL, S.. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-RIO: Apicuri, 2016.